

VIVENDO EM MEIO A MINAS: A RELAÇÃO ENTRE A POPULAÇÃO DE ITABIRA E A ATIVIDADE MINERÁRIA

LIVING AMIDST MINES: THE RELATIONSHIP BETWEEN THE POPULATION OF ITABIRA AND MINING ACTIVITY

Simara Aparecida Ribeiro Januário 

Escola Superior Dom Helder Câmara, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Doutoranda em Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável da Escola Superior Dom Helder Câmara.

Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

Email: simarajanuario@hotmail.com

Romeu Thomé 

Escola Superior Dom Helder Câmara, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Pós-doutor em Direito pela Université Laval, Canadá. Doutor em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

Professor da Escola Superior Dom Helder Câmara e Advogado.

Email: romeuf@academico.domhelder.edu.br

RESUMO: A mineração em Itabira, cidade natal de Carlos Drummond de Andrade, teve início em escala comercial em 1911 com a Itabira Iron Ore Company, atualmente está sob o comando da Vale S.A e estabeleceu com a população itabirana uma relação de tensão, que não passou despercebida ao poeta. A extração do minério de ferro impactou o meio natural itabirano e modificou a vida da população local, que foi paulatinamente passando a viver entre as minas. Em 2014, após conhecer a cidade e perceber ligações entre a obra drummondiana e a mineração, o crítico literário José Miguel Wisnik publica *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração* (2018). Portanto, este artigo objetiva: apresentar um percurso histórico da implantação das mineradoras em Itabira; analisar o impacto social da mineração na população local, em consonância com as percepções de Wisnik, e analisar o poema “Confidência do itabirano” sob o viés do impacto social da mineração nos itabiranos. Tem-se como problema pontuar como a relação da mineração com a população local deve ser repensada, buscando conciliar a extração e a preservação do meio ambiente. A metodologia utilizada foi a hipotético-intuitiva a partir da análise documental de textos bibliográficos específicos consultados como fontes primárias.

Palavras-chave: atividade minerária; impacto social; Itabira, Carlos Drummond de Andrade; José Miguel Wisnik.

ABSTRACT: Mining in Itabira, the birthplace of Carlos Drummond de Andrade, began on a commercial scale in 1911 with the Itabira Iron Ore Company and is currently under the management of Vale S.A (formerly Companhia Vale do Rio Doce – CVRD). The mining activity, initially seen as a great opportunity for economic growth in the region, established a tense relationship with the population of Itabira, which did not go unnoticed by the poet. The extraction of iron ore impacted Itabira's natural environment, completely removing Pico do Cauê, and changed the lives of the local population, who gradually began to live among the iron ore mines. In 2014, after visiting the city and noticing connections between Drummond's work and mining, literary critic José Miguel Wisnik published *"Maquinação do mundo: Drummond e a mineração"* (2018). Given this context, this article aims to: present a historical trajectory of the establishment of mining companies in Itabira; analyze the social impact of mining activity on the local population, in line with Wisnik's perceptions; and examine the poem "Confidência do itabirano" through the lens of mining's social impact on Itabira's inhabitants. The research problem addresses how the relationship between mining and the local population should be reconsidered, seeking to reconcile extraction with environmental preservation. The methodology employed in this work was hypothetical-intuitive, based on documentary analysis of specific bibliographic texts consulted as primary sources.

Keywords: mining activity; social impact; Itabira; Carlos Drummond de Andrade; José Miguel Wisnik.

SUMÁRIO: 1 INTRODUÇÃO. 2 O “DESTINO MINERAL” DE ITABIRA. 2.1 A ITABIRA IRON ORE COMPANY. 2.2 A COMPANHIA VALE DO RIO DOCE (CVRD). 3 A MAQUINAÇÃO DO MUNDO EM ITABIRA: O IMPACTO SOCIAL DA ATIVIDADE MINERÁRIA NA POPULAÇÃO LOCAL. 4 “CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO”: DRUMMOND E O ‘IMPACTO POÉTICO’ DA MINERAÇÃO. 5 CONCLUSÃO. REFERÊNCIAS.

1 INTRODUÇÃO

O município mineiro de Itabira, distante cerca de 110 quilômetros de Belo Horizonte, tem em sua história dois fatos marcantes: ser a cidade natal do poeta Carlos Drummond de Andrade e possuir jazidas de minério de ferro de elevado valor comercial. O primeiro, através da poesia, levou o nome da “pedra que brilha” – significado de Itabira em Tupi – de Minas Gerais para o

Brasil e para o mundo; já o segundo foi responsável pela criação da Companhia Vale do Rio Doce – atualmente apenas Vale S.A – levando-a também para o mundo, a partir do minério de ferro extraído do solo.

O “destino mineral” da cidade se tornou inevitável desde sua formação e povoamento, no século XVIII:

[...] o ano de 1720 como sendo o marco histórico de Itabira, com a chegada dos irmãos Faria de Albernaz (Francisco e Salvador). Os dois aventureiros, bandeirantes paulistas, mineravam em Itambé, quando avistaram um pico, ao longe, e seguindo em sua direção chegaram à serra a que chamaram Cauê (palavra dialetal africana que significa irmãos). Exploraram os córregos recolhendo ouro, sem que se saiba, contudo, por quanto tempo. Certo é, porém, que verificando a abundância do metal precioso, transferiram para o local seus escravos e colonos (Câmara de Itabira, 2009).

Com a escassez do ouro, no entanto, os moradores do então povoado se dedicaram à fundição de ferro, recurso mineral que era mais abundante na região. Essa extração inicialmente quase artesanal foi, no início do século XX, substituída pela exploração em escala comercial, a partir de 1911 pela empresa anglo-americana Itabira Iron Ore Company e de 1942, até os dias atuais, pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), empresa estatal brasileira, que foi privatizada em 1997 – como a venda da maior parte de suas ações – passando a se chamar, em 2007, Vale S.A.

Por outro lado, em 31 de outubro de 1902, nascia Carlos Drummond de Andrade, nono filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de Julieta Augusta Drummond.

Sua carreira de escritor começa com a publicação de seus primeiros trabalhos na seção "Sociais" do jornal *Diário de Minas*. Em 1923 ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte, concluindo o curso de Farmácia em 1925. Contudo, não exerceu a profissão por querer, segundo suas palavras "preservar a saúde dos outros". Também no ano de 1925 casa-se com Dolores Dutra de Moraes e, juntamente com Martins de Almeida e Emílio Moura, funda *A Revista*, que passou a representar as novas ideias do grupo modernista.

Em 1928 publica “No meio do Caminho”, que se torna um dos maiores escândalos literários do Brasil. Suas principais obras são: *Alguma Poesia*, *Brejo das Almas*, *Sentimento do Mundo*, *Confissões de Minas*, *A Rosa do Povo*, *Claro Enigma*, *Viola de Bolso*, *Fazendeiro do Ar*, *Lição de Coisas*, *Versiprosa*, *Reunião*, *As Impurezas do Branco*, *Boitempo: Menino Antigo*, *O Marginal Clorindo Gato*, *Corpo (poesia)*, *Contos de Aprendiz (prosa)*, *O Gerente* e *Farewell*.

No poema “Confidência do itabirano”, publicado no livro *Sentimento do mundo*, de 1940, Drummond expressa o sentimento do que é ser nascido em Itabira, a cidade com “ferro nas almas e nas calçadas”, na qual “a mineração faz parte do cotidiano de toda a população, mesmo que indiretamente” (Nascimento, 2018, p. 11).

No ano de 2014, o crítico literário José Miguel Wisnik, realizou uma viagem à Itabira e “a presença-ausência do pico do Cauê, parte essencial da geografia física e humana da poesia de Drummond, acaba por gerar uma releitura de toda a obra do poeta itabirano” (Gama, 2020, p. 320).

Em consonância com impressões que teve ao conhecer a terra natal do poeta mineiro, Wisnik escreveu o livro *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*, publicado em 2018. Segundo o próprio autor, sua viagem à Itabira “teve efeitos inesperados [...] na cidade natal de Carlos Drummond de Andrade as marcas do passado, assim como sinais contemporâneos gritantes, pareciam estar chamando, todos juntos, para uma releitura da obra do poeta (Wisnik, 2018, p. 27).

Dessa forma, o impacto social proveniente da relação da população itabirana com a atividade minerária, desde a constituição da cidade no século XVIII, até os dias atuais, uma vez que a cidade é que passou a fazer parte das minas e não as minas da cidade; passando pela abordagem que José Miguel Wisnik trouxe em seu livro, sob a ótica da relação de tensão existente entre a população e a mineração e destacando como essa relação de tensão não passou

despercebida por Drummond, que a expressou no poema “Confidência do Itabirano”, são de extrema relevância para a discussão acerca da mineração e seu impacto na cidade mineira.

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivos: apresentar um percurso histórico da implantação das companhias mineradoras em Itabira; analisar o impacto social da atividade minerária na população local, em consonância com as percepções que Wisnik trouxe em sua obra, e analisar o poema “Confidência do itabirano” sob o viés do impacto social da mineração nos itabiranos. O problema que essa pesquisa apresenta é pontuar como a relação da mineração com a população local deve ser repensada, buscando conciliar a extração e a preservação do meio ambiente. A metodologia utilizada neste trabalho foi a hipotético-intuitiva a partir da análise documental de textos bibliográficos específicos consultados como fontes primárias.

2 O “DESTINO MINERAL” DE ITABIRA

A cidade de Itabira do Mato Dentro surgiu à época do ciclo do ouro no século XVIII, na região do chamado Quadrilátero Ferrífero, que é:

[...] a mais importante província mineral do sudeste do Brasil. Localizado na região centro sul do estado de Minas Gerais é o marco principal da interiorização da ocupação portuguesa no século XVIII. Desde a descoberta do ouro no final do século XVII até os dias de hoje a região do Quadrilátero Ferrífero abriga a maior concentração urbana do estado de Minas Gerais. Nele foram fundadas as primeiras vilas afastadas do litoral, Ouro Preto, patrimônio cultural da humanidade pela Unesco, e Mariana, que possuem um rico acervo arquitetônico e cultural barroco, expressão máxima do ciclo do ouro no Brasil (UFOP, 2023).

Inicialmente o ouro foi o responsável pelo povoamento da região, mas foi o minério de ferro que trouxe o crescimento econômico para a província e o que, segundo Carlos Drummond de Andrade, seria o “destino mineral” de Itabira:

Parecia-me que um destino mineral, de uma geometria dura e inelutável, te prendia, Itabira, ao dorso fatigado da montanha, enquanto outras alegres cidades, banhando-se em rios claros ou no próprio mar infinito, diziam que a vida não é uma pena, mas um prazer” (Andrade, 2020).

Nesse sentido, desde 1909, quando grupos estrangeiros começaram a adquirir jazidas de minério de ferro no Brasil, os ingleses compravam, de forma intensa terras, em Itabira, principalmente ao redor do Pico do Cauê.

Não alheio a essas investidas estrangeiras, o governo brasileiro implementou a política de criar obstáculos para a exportação do minério em estado bruto, leis e decretos relativos ao ferro foram promulgados, estabelecendo que só poderiam exportar aqueles que transformassem, em solo brasileiro, parte do minério extraído. Ao mesmo tempo, o governo passou a oferecer uma série de vantagens e favores aos empresários que se tornassem siderurgistas. O objetivo era propiciar, através da exportação do minério, a criação de uma indústria siderúrgica nacional.

No cenário internacional, a Suécia promoveu o XI Congresso Internacional de Geologia, sediado em Estocolmo. Na ocasião foi divulgado um estudo detalhado sobre as jazidas de ferro da região de Itabira e Orville Derby, diretor e fundador do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, apresentou um estudo de avaliação do potencial e do nível de pureza das jazidas de minério de ferro da região central de Minas Gerais, assinalando as reservas inferidas, suas posições geográficas e as vias férreas que as ligavam ao litoral do país, ou seja, aos portos de exportação. Essa comunicação reportava o pensamento e trabalhos de várias gerações de Engenheiros de Minas, formados na Escola de Minas de Ouro Preto, sobre as possibilidades industriais daquela região.

Dentro desse quadro, em 1910 a companhia inglesa Brazilian Hematite Syndicate adquiriu uma das maiores jazidas do país, situada em Itabira: estendendo-se por 76 milhões e oitocentos mil metros quadrados, as minas abrigavam uma reserva de minério calculada em mais de um bilhão de toneladas. No ano anterior, a mesma empresa já havia adquirido o controle acionário da Companhia Estrada de Ferro Vitória a Minas, única via existente para o escoamento do minério do vale do rio Doce para o litoral.

2.1 A ITABIRA IRON ORE COMPANY

Tendo preparado os mecanismos necessários para a extração e transporte do minério de ferro, em 1911, o grupo inglês da Brazilian Hematite organizou a Itabira Iron Ore Company, de exploração de minério de ferro, autorizada a funcionar no Brasil pelo Decreto nº 8.787, de 16 de junho de 1911:

Decreto nº 8.787, de 16 de Junho de 1911

Concede autorização á «Itabira Iron Ore Company, Limited», para funcionar na Republica

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, attendo ao que requereu a «Itabira Iron Ore Company, Limited,» sociedade anonyma, com séde na Inglaterra, devidamente representada,

Decreta:

Artigo unico. E' concedida autorização á Itabira Iron Ore Company, Limite, para funcconar na Republica com os estatutos que apresentou, mediante as clausulas que este acompanham, assignadas pelo Ministro de Estado da Agricultura, Industria e Commercio, ficando a mesma companhia obrigada a cumprir as formalidades exigidas pela legislação em vigor.

Rio de Janeiro, 16 de junho de 1911, 90º da Independencia e 23º da Republica.

Hermes R. da Fonseca.

Pedro de Toledo (Brasil, 1911)¹

A instalação da companhia anglo-americana suscitou oposição de políticos mineiros, dentre os quais se destaca Artur Bernardes que contava com o apoio de alguns geólogos que “através de conferências e artigos na imprensa, defendiam o minério brasileiro como riqueza a ser guardada pelo Brasil para que se evitasse a repetição da história do ouro” (Abreu, 2009).

Ao ser empossado presidente de Minas Gerais (cargo existente à época), em 1918, Bernardes promulgou uma lei onerando o imposto de exportação para as empresas que visavam apenas à exportação do minério de ferro e desonerando-o para aquelas que instalassem usinas siderúrgicas nos Estados nos quais exploravam as minas, pois “[...] principalmente a partir da Primeira Guerra Mundial, fez com que os produtos siderúrgicos adquirissem grande importância” (Abreu, 2009).

Diante desse cenário, em 1920 o empresário norte-americano Percival Farquhar se torna o novo proprietário da Itabira Iron Ore e fecha contrato com o governo de Epitáfio Pessoa, no qual se compromete a:

[...] construir fábricas de aço e laminação, sem ônus para os cofres públicos, pleiteando por outro lado permissão para exportar minério de ferro em grande quantidade. Esse programa recebeu o apoio do presidente da República Epitácio Pessoa e de seu ministro da Viação e Obras Públicas, José Pires do Rio, que viram em sua execução uma forma de implantar a siderurgia nacional (Abreu, 2009).

¹ Redação original do Decreto nº 8.787, de 16 de junho de 1911, obtida no site da Câmara dos Deputados.

No entanto, a Itabira Iron Ore Company foi perdendo o apoio do governo brasileiro e no Estado Novo, de Getúlio Vargas (1937), o contrato é revisto e finalmente rompido em 1939, “com o que a companhia perdia todas as concessões federais e estaduais de que se investira, sem deixar, no entanto, e ainda, de ser a proprietária das terras e minas de ferro itabiranas” (Wisnik, 2018, p. 94).

A questão da Itabira Iron Ore Company foi definitivamente resolvida em 1942, com os “Acordos de Washington”, firmados em março de 1942, tendo como signatários o Brasil, a Inglaterra e os Estados Unidos, nos quais:

[...] o governo britânico se comprometeu a adquirir e transferir, sem quaisquer ônus, ao Brasil as jazidas de minérios de ferro que eram propriedade da Itabira Iron Ore; o governo norte-americano se comprometeu a financiar 14 milhões de dólares (também do Eximbank) para aparelhar as minas de Itabira, prolongar e restaurar a Estrada de Ferro Vitória a Minas e equipar o porto de Vitória e o governo brasileiro se comprometeu a extrair, transportar e exportar 1,5 milhão de toneladas de minério de ferro por ano “a serem compradas em partes iguais, pelos dois países (Inglaterra e Estados Unidos) [...] a um preço bastante inferior ao do mercado (WISNIK, 2018).

Nesse contexto, em decreto de 1º de junho de 1942, foi criada a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD).

2.2 A COMPANHIA VALE DO RIO DOCE (CVRD)

Para cumprir as metas estabelecidas nos “Acordos de Washington”, a CVRD implantou o “Projeto Cauê”, que iniciou o que viria a ser a extração total do Pico do Cauê:

[...] desenhado na bandeira do município, marcou o destino de Itabira. O Pico, que alçava os céus nos seus 1.600 metros de altitude, era um gigante que continha o mais puro minério de ferro. Entre 1911 e 1940, passou a ser explorado pela empresa inglesa Itabira Iron Ore Company. No entanto, em 1942, em meio à Segunda Guerra Mundial, as minas de Itabira, vistas como estratégicas para os interesses nacionais, foram encampadas pelo governo de Getúlio Vargas. O mesmo decreto que nacionalizou as minas criou a Companhia Vale do Rio Doce S.A., empresa estatal responsável pela exploração das jazidas e pela exportação do minério de ferro (Magalhães, 2020).

A exploração internacionalizada do Pico do Cauê, nos primórdios da instalação da Companhia Vale do Rio Doce, não atingiu as metas estabelecidas, sendo “dez vezes menor do que a quantidade preestabelecida” (Wisnik, 2018, p. 113), uma vez que a:

[...] guerra acabou antes que a Companhia terminasse de se instalar. Equipamentos demoraram a chegar, a ferrovia era precária, havia constantes descarrilamentos, e o trabalho extrativo, duro em extremo, era executado majoritariamente por homens vindos da roça enfrentando a montanha em condições inóspita, com recursos rudimentares e em bases quase inteiramente braçais. Nessa fase, que os operários lembram como a ‘época do muque’, usava-se um ponteiro manual para furar a rocha e colocar a dinamite, marretas para britar as pedras dinamitadas, e carrocinhas com rodas de ferro, chamadas ‘galeotas’, para carregar o minério até os caminhões que o transportavam para o trem (puxadas pelos próprios trabalhadores em distâncias pequenas e por burros em distâncias maiores). Tratava-se também de limpar matas e construir estradas circundando a elevação, abrindo nela as esfoladuras que começavam a descascar a montanha e a decepar o pico” (Wisnik, 2018, p. 113).

O modelo de relação trabalhista implantado pela CVRD também teve grande impacto social para os quase seis mil trabalhadores atuantes na cidade em 1944 (Magalhães, 2020). De cunho paternalista, com discurso corporativista e aliado à política nacional-desenvolvimentista do governo brasileiro, as relações de trabalho treinavam e disciplinavam os mineiros a produzirem:

[...] em nome dos interesses da nação. A “Vale é mãe” sempre foi um jargão repetido à exaustão na cidade. De um lado, havia um controle e vigilância que ultrapassavam os muros da empresa, chegando às famílias e dominando a própria cidade. Por outro, havia grande estabilidade no emprego e a Companhia era vista como portando objetivos sociais em nome da própria nação (Magalhães, 2020).

Segundo Cristiane Maria Magalhães (2020), embora houvesse identificação dos empregados tanto com o discurso paternalista, quando com a própria empresa, também havia conflitos e tensões. Salários atrasados, condições de trabalho ruins e exigências excessivas de produção levaram os “Leões da Vale”, como eram chamados os primeiros trabalhadores da CVRD, à greve em 1946, que foi sufocada por um destacamento policial, composto por sessenta homens, vindo de Belo Horizonte.

De acordo com a socióloga, antropóloga e pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas, Maria Cecília de Souza Minayo, também itabirana, nessa greve de 1946 “os homens revoltados, com seus instrumentos de trabalho transformados em armas de guerra, ameaçaram os chefes, quebraram os alojamentos e as oficinas – e obrigaram os companheiros indecisos a se renderem” (Minayo *apud* Cruz, 2019).

À semelhança de *Germinal*, obra do escritor francês Émile Zola escrita em 1885, na qual os mineiros franceses, trabalhadores da mina de carvão Voreux, liderados por Étienne Lantier, deflagram uma greve em busca por melhores condições de trabalho que representou a luta do proletariado frente ao descaso e a desonestidade dos patrões; os mineiros de Itabira também promoveram quebradeiras nos alojamentos e agrediram engenheiros.

Embora a greve de 1946 tenha sido sufocada com o uso da violência, “[...] apenas sob a mira das baionetas os mineiros capitulam e recomeçam o trabalho. Os ‘cabeças’ da greve são sumariamente demitidos, ninguém dá notícias deles [...] vivem ou estão mortos, se têm famílias – ninguém sabe oficialmente, ninguém diz” (Minayo *apud* Cruz, 2019), a mobilização resultou na criação da Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Ferro e Metais Básicos de Presidente Vargas, primeiro sindicato local (Wisnik, 2018).

Interessante notar que nessa época a cidade de Itabira se chamava Presidente Vargas em virtude do Decreto/Lei Estadual nº 1.058, de 31 de dezembro de 1943, que no “Quadro da divisão territorial administrativa e judicial do Estado para quinquênio 1944-1948”, no número de ordem 122, consta “Presidente Vargas (ex-Itabira)” (Minas Gerais, 1943).

A leitura que José Miguel Wisnik (2018, p. 114) faz da greve de 1946 aponta para a tensão existente entre os trabalhadores da Companhia Vale do Rio Doce e a empresa, uma vez que, embora fossem condicionados à ideologia estatal da empresa, junto com o “pensamento autogratiificante de que aquele minério percorria o mundo”, já havia o despertar acerca da exploração de sua força de trabalho e que o lucro obtido com a extração do minério de ferro não trazia as mesmas benesses para si mesmos como trazia para a empresa.

Essa tensão culminou na histórica greve de 1989 que expôs a contradição existente na ideia de que a CVRD fosse a:

[...] Companhia-Mãe dos funcionários, da produtividade como ato heroico nacionalista, desse desenho patriótico construído desde a origem da Companhia por Vargas e reforçado pelos governos da ditadura civil-militar das décadas seguintes, embaraça a visão dos trabalhadores e serve como instrumento de legitimidade da Companhia, inclusive na cidade. Teceu-se a falácia de uma

identidade comum entre governo, povo e nação, “cuidadosamente semeada, cimenta fortemente a base da cultura institucional da Vale” (MINAYO, 2004). Torna-se presente no cotidiano dos mineiros o medo da livre associação. A permanência de uma visão ambígua, de que a Companhia representa também os trabalhadores, nos ajuda a entender em partes os 44 anos sem outra manifestação ou greve. Faz-se necessário recordar que, nesse caso, o patrão, para os operários da CVRD, até 1997, é o próprio governo brasileiro (Souza, 2019, p. 57).

Diante do exposto, é notável como a extração minerária, desde a instalação da Itabira Iron Ore Company até a consolidação da Vale S.A. (antiga CVRD), estabeleceu uma relação tensa com os mineiros – os trabalhadores das minas. No entanto, essa tensão não se deu somente com os operários da Vale.

A atividade minerária intensa que a cidade de Itabira viveu, e ainda vive, gera tensão com a população local que, mesmo não trabalhado diretamente na mineração, tem sua vida ligada a extração do minério de ferro, tema que esse estudo apresenta no próximo tópico.

3 A MAQUINAÇÃO DO MUNDO EM ITABIRA: O IMPACTO SOCIAL DA ATIVIDADE MINERÁRIA NA POPULAÇÃO LOCAL

A constituição da cidade de Itabira e a atividade minerária estão intimamente associadas. Como já exposto, a história de formação do povoado se deu em virtude da busca por ouro no século XVIII, depois da fundação da cidade – passando por todos os nomes que já teve – até se tornou definitivamente, em 1947, Itabira, a terra natal de Carlos Drummond de Andrade.

Dessa forma, a atividade minerária foi paulatinamente modificando o modo de vida dos itabiranos e impactando a economia do município. De uma típica cidade interiorana, “que antes vivia da confecção de tecidos, agricultura e pecuária” (Guimarães; Milanez, 2017, p. 219), Itabira se viu dependente da atuação da Vale na exploração do minério de ferro:

As mudanças causadas pela chegada da empresa geraram uma diversidade de opiniões. Muitos a encararam, inicialmente, como o início de um processo de dominação inevitável, uma apropriação de seu espaço e houve, assim, um sentimento de perda. Esse sentimento, de certa forma, era mais forte nas famílias mais ilustres. Presas (2012) menciona que, até a década de 1960, não havia filhos das famílias tradicionais de Itabira trabalhando na Vale, sendo isso visto como uma humilhação (Guimarães, Milanez, 2017, p. 219).

Nesse sentido, José Miguel Wisnik (2018) também percebeu o impacto da extração minerária nos itabiranos. Sua obra *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração* tem a segunda parte, “Maquinações minerais” dedicada à história da mineração, a partir da obra de Carlos Drummond de Andrade. Sob esse viés, percebe-se que o poeta itabirano não se furtou em “cotejar os desdobramentos históricos com as suas repercussões em prosa e em verso, que vão desde a notação fina, a rememoração lírica, a resistência sintomática e a intervenção de protesto até o enigma, a alegoria e a cifra interrogante sobre o destino humano” (Wisnik, 2018, p. 78).

Segundo Custódio e Ribeiro (2019, p. 101), a mineração em Itabira também impactou na cultura e socialização dos mineiros que, inclusive, criaram um dialeto:

[...] chamado “Camaco” na cidade de Itabira (MG), criada pelos mineiros para comunicar-se num período em que a mineração era exercida por ingleses na citada cidade e estes falavam uma língua que impossibilitava a todos entenderem suas motivações ou como agiam (Lamego et al., 2012). Isso incitou os mineiros a criar uma língua própria para que os donos da empresa, os ingleses, também não os compreendessem.

Ainda de acordo com autores, a mineração, por estar presente na constituição histórica da cidade de Itabira, também faz “parte do imaginário social da comunidade ou de como seus membros interpretam o mundo” (Custódio; Ribeiro, 2019, p. 101). Assim, os impactos sociais da atividade minerária ressoam inclusive no uso da linguagem. O dialeto “Camaco”, sob esse viés, foi a forma que trabalhadores das minas encontraram para, a exemplo dos empregadores ingleses, preservarem suas conversas.

A Constituição do Brasil de 1891, que vigorava à época da instalação da Itabira Iron Ore Company, em sua seção II – “Declaração de Direitos”, art. 72, § 17, estabelecia:

O direito de propriedade mantém-se em toda sua plenitude, salvo a desapropriação por necessidade ou utilidade pública, mediante indenização prévia. As minas pertencem aos proprietários do solo, salvo as limitações que forem estabelecidas por lei a bem da exploração deste ramo da indústria (Brasil, 1891).

Dessa forma, o início o processo de captação dos proprietários das terras, ricas em minério de ferro principalmente no entorno do Pico do Cauê, afetou a população local, uma vez que a Itabira Iron Ore Company passou a adquirir, bem abaixo do valor de mercado, várias propriedades itabiranas para também se tornar dona das jazidas do subsolo. A empresa operou de três formas para realizar a compra: (i) abordagem financeira individual, (ii) abordagem usando mulheres como isca e (iii) abordagem financeira coletiva.

De acordo com Wisnik (2018), na abordagem financeira individual, os provincianos, alheios ao valor comercial do ferro que existia em suas propriedades, as vendiam por preço muito abaixo do mercado na ilusão de terem realizado um negócio muito vantajoso para si mesmos. Essa atitude de seus conterrâneos foi retratada por Drummond no poema “Velhaco” (*Boitempo*, 1930): “Zico Tanajura está um pavão de orgulho /no dólmã de brim cáqui. [...] vendeu a Mr. Jones, /distinto representante de Mr. Hays Hammond, /embaixador de Tio Sam em Londres-belle-époque” (Drummond *apud* Wisnik, 2018, p. 83-84).

Por outro lado, a abordagem usando mulheres como isca ludibriava o proprietário do lote pretendido com a “[...] aparição de uma isca irresistível, a mulher loura, espécie de Marilyn Monroe pré-hollywoodiana desembarcando na Itabira de 1910 como irresistível promessa de felicidade” (Wisnik, 2018, p. 84), captada por Drummond no verso de “Mrs. Cawley” (*Boitempo*, 1930): “[...] Vem a americana com seu fox terrier,/vestido róseo desenvolto,/ loura em mata morena, sol de milho,/O americano, mero aposto circunstancial./O americano, que me importa?/Daria, se tivesse, um reino inteiro/para ter esta mulher a vida inteira/sorrindo a boca inteira/só para mim na sala de visitas (Drummond *apud* Wisnik, 2018, p. 85).

Por fim, na abordagem financeira coletiva Wisnik identificou a “distância descomunal entre as contas dos grandes banqueiros, das empresas internacionais [que compraram as terras em Itabira, e as] pequenas hipotecas e contas quitadas no armazém de secos e molhados e na loja de armarinhos” (Drummond *apud* Wisnik, 2018, p. 85) dos orgulhos itabiranos que as venderam, momento registrado por Drummond no extenso poema “Desfile” (*Boitempo*, 1930), do qual destaca-se os versos: “Foram muito bem (?) vendidas/aos amáveis emissários/de Rothschild, Barry & Brothers/e compadres Iron Ore” (Drummond *apud* Wisnik, 2018, p. 86).

Como se pode perceber, a compra das terras, com o interesse comercial em suas jazidas, gera impacto na população itabirana ao evidenciar o que seria o futuro da cidade e de seus habitantes: a dependência econômica da atividade de exploração minerária, iniciada pela Itabira Iron Ore Company e levada à maximização pela CVRD, hoje Vale S.A.

Não obstante a extração total do Pico do Cauê, a mineração em Itabira também modificou a infraestrutura urbana com a destruição de vários bairros, sendo o caso mais simbólico a destruição da Vila Paciência:

[...] localizada nas proximidades da mina do Chacrinha. Essa mina pertencia originalmente à Acesita; como era um ativo secundário, de baixa exploração, não impactou consideravelmente a cidade. Com a compra pela Vale, nos anos

1990, houve uma intensificação das operações e expansão da mina em direção à cidade, até uma distância inferior a 50 metros (Guimarães; Milanez, 2017, p. 222).

Com a intensificação das atividades na mina do Chacrinha, os impactos sobre os moradores da Vila Paciência aumentaram, tais como a presença de material particulado, excesso de ruído e de vibração, rachaduras em paredes e vidros e consequentes danos e desvalorização dos imóveis.

De acordo com Guimarães e Milanez (2017, p. 222), para a resolução desse problema:

[...] iniciou-se o processo de compra dos imóveis pela Vale. Porém, muitos moradores questionaram os valores oferecidos pela mineradora, optando por estender a negociação, na tentativa de conseguir propostas mais justas. Além disso, o esvaziamento do bairro levou à redução dos serviços públicos, como transporte e segurança.

Apesar dos apelos dos moradores aos órgãos públicos, de acordo com Guimarães e Milanez (2017), a prefeitura e os demais itabiranos deixaram de apoiá-los após a Vale se propor a comprar as casas da Vila Paciência. A ação da companhia mineradora, ao usar seu capital financeiro para remover os habitantes de seu local de origem, em função da exploração minerária, vai ao encontro do fenômeno que Wisnik analisou nos versos de “Velhaco”, “Mrs. Cawley” e “Desfile”: a extração do minério de ferro se sobrepôs à vida dos itabiranos, inicialmente lhes dando a falsa impressão de status e riqueza; depois os expulsando de suas casas ou, como destacou Wisnik (2018, p. 115), os colocando em “paralelo com os desdobramentos da mineração [...] até a entronização engolidora do aparato técnico-explorador que consolida o protagonismo a Companhia Vale do Rio Doce”; circunscrevendo a cidade mineira à rigidez locacional do minério de ferro e legando aos seus habitantes a condição de viver entre as minas da Vale.

De acordo com o mais notável filho de Itabira, a cidade é composta por “Noventa por cento de ferro nas calçadas. /Oitenta por cento de ferro nas almas”, assim, nos versos de “Confidência do itabirano”, Drummond externalizou o impacto, de forma poética, das marcas que a atividade minerária trouxe, não somente a ele, mas também aos seus conterrâneos, tema que esse estudo apresenta no próximo tópico, a partir da análise do poema, sob o viés do “impacto poético” da mineração na população de Itabira.

4 “CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO”: DRUMMOND E O ‘IMPACTO POÉTICO’ DA MINERAÇÃO

Carlos Drummond de Andrade foi um dos maiores poetas representantes da modernidade, produzindo uma das obras mais significativas da poesia brasileira do século XX. Sua produção poética traz algumas discussões fundamentais que atualizam preocupações modernistas ou reatualizam elementos da tradição.

Ao transitar entre a individualidade e o social, Drummond trouxe para seus textos a família e a cidade, o humor e o cotidiano, além da metalinguagem e um reconhecível subjetivismo.

Assim, as representações do espírito moderno na arte deviam ligar-se às experiências sociais, o que se percebe no poema “Confidência do itabirano”, publicado na *Revista do Brasil* em 1939, e posteriormente no livro *Sentimento do mundo* (1940):

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.
De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...
Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói! (Andrade *apud* Wisnik, 2018, p.94-95).

O poeta assume um eu-lírico com tom intimista e confessional para relatar sua relação com Itabira, utilizando aspectos materiais e imateriais, com destaque para o minério de ferro não podia estar de fora desses aspectos. José Miguel Wisnik revela que *Sentimento do mundo*, obra na qual foi publicado “Confidência do Itabirano”, se tratou de uma “crise existencial e ideológica” (Wisnik, 2018, p. 95) sendo esse poema, especificamente, a confissão de uma “intimidade ferreamente contida, herdeira de uma cultura de ferro entranhada nas coisas e nas pessoas” (Wisnik, 2018, p. 96).

A mestra em Letras Thaís Rocha Tavares (2019) considera que a obra de Carlos Drummond de Andrade é plena de resposta íntimas à sua relação com o mundo, personificada na cidade de Itabira. Tratando de tema como família, amor, sociedade, política e economia e, como Wisnik destacou, mineração, “Confidência do itabirano” traz:

O passado, em sua cidade natal, é representado iconograficamente pela fotografia na parede [...] A foto recorta espaço-temporalmente uma vivência efêmera do sujeito no mundo. Ela demarca, no poema, o distanciamento, uma espécie de ruptura de uma relação física, espacial, mas preserva uma profunda ligação sentimental e de memória. Toda uma vivência em Itabira se reduz a uma foto, um detalhe na parede, um fragmento do passado. Para o poeta, é doloroso constatar, pela memória, tudo aquilo que inexoravelmente a vida deixa para trás. A cidade itabirana, como era antigamente, só existe no imaginário e lembrar esse passado é uma forma de revisitar quem o eu-lírico foi naquele tempo (Tavares, 2019, p. 81).

Há nas “Confidência do Itabirano”, a característica memorialística dos poemas de Drummond, tendência inicialmente tímida, demonstrada em seus primeiros trabalhos com a poesia. Ao longo do tempo, como afirma Maria José Rago Campos (1982, p. 17) em sua tese apresentada para conclusão de Mestrado, *A memória do mundo em Carlos Drummond de Andrade*, a obra drummondiana vem confirmar isso, “pois o que é transfigurado pela palavra poética é ainda a própria vida”.

Nesse sentido, Drummond rememora o impacto que o minério de ferro entalhou em Itabira, em seus habitantes e em si mesmo “Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro”, bem como seus efeitos a infraestrutura da cidade “Noventa por cento de ferro nas calçadas”, condensando e imortalizando nos versos de “Confidência do itabirano” uma, pode-se dizer, externalidade “positiva” que atividade minerária trouxe para Itabira, para o Brasil e para o mundo: o impacto poético.

5 CONCLUSÃO

A formação da cidade de Itabira se deu em função das atividades de extração mineral, inicialmente do ouro, no século XVIII, e depois do minério de ferro. A mineração modificou a

paisagem natural do município mineiro de forma drástica e irrecuperável, extirpando totalmente o Pico do Cauê.

Além desse impacto ambiental, as companhias mineradoras que atuaram na cidade, a saber Itabira Iron Ore Company e Companhia Vale do Rio Doce – atualmente Vale S.A – também trouxeram impactos sociais profundos para os itabiranos: dependência quase total do trabalho na mineração, influência da Vale na política e economia locais e modificação do espaço urbano como a avanço das minas sobre os bairros e vilas itabiranos, levando à singular situação de a cidade passar a fazer parte das minas e não as minas fazerem parte da cidade.

Não obstante a importância internacional da Vale S.A e da inegável importância dos recursos minerais para a economia, não se pode deixar de destacar que, além do minério de ferro, Itabira também tem como destaque o fato de ser a terra natal do poeta Carlos Drummond de Andrade, que, sendo um poeta moderno, possui consciência do mundo ao seu redor e levou para sua poética a relação de tensão estabelecida entre a população de Itabira e a extração mineral, com destaque para o poema “Confidência do itabirano”.

Diante desse cenário, a relação da mineração com a população de Itabira, em particular, e com outras populações impactadas pela extração minerária em geral, deve ser repensada e se pautar, desde o início, pelo acesso à informação das características das atividades que as companhias de fato irão desenvolver no local – o que não ocorreu à época da instalação da Itabira Iron Ore Company – buscando conciliar a atividade econômica, a preservação do meio ambiente e também o bem-estar sócio afetivo dos moradores das áreas afetadas pela mineração.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Confissões de Minas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ABREU, Alzira Alves de. Itabira Iron Ore Company. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**: CPDOC | FGV. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/itabira-iron-ore-company>. Acesso em: 10 maio 2023.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em: 16 maio 2023.

BRASIL. **Decreto nº 8.787, de 16 de junho de 1911**. Concede autorização à *Itabira Iron Ore Company Limited*, para funcionar na República. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8787-16-junho-1911-525467-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 9 maio 2023.

CÂMARA DE ITABIRA. **História**. Histórico de Itabira. 8 out. 2009. Disponível em: <https://www.itabira.cam.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historico-de-itabira/5865>. Acesso em: 6 maio 2023.

CAMPOS, Maria José Rago. **A memória do mundo em Carlos Drummond de Andrade**. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1982.

CRUZ, Carlos. Braços cruzados, máquinas paradas. O dia que a Vale parou fez 30 anos. **Vila de Utopia**, 3 abr. 2019. Disponível em: <https://viladeutopia.com.br/bracos-cruzados-maquinas-paradas-o-dia-que-a-vale-parou-faz-30-anos/>. Acesso em 10 maio 2023.

CUSTÓDIO, M. M.; RIBEIRO, J. C. J. Paisagem minerária como elemento de construção do sentimento de pertencimento ao estado de Minas Gerais. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v.

16, n. 35, p. 87-121, maio/ago. 2019. Disponível em:
<http://revista.domhelder.edu.br/index.php/veredas/article/view/1613>. Acesso em: 15 jun. 2023.

GAMA, Mônica. O “Sono rancoroso dos minérios” e a maquinação do mundo: a compreensão do lugar a partir da poesia de Drummond. **ALEA: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 319-326, maio/ago. 2020. Disponível em:
<https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/40463/22103>. Acesso em: 21 abr. 2023.

GUIMARÃES, Carolina Lucinda; MILANEZ, Bruno. Mineração, impactos locais e os desafios da diversificação: revisitando Itabira. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 41, p. 215-236, ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/49360>. Acesso em: 10 maio 2023.

MAGALHÃES, Cristina Maria. Lugares de Memória dos Trabalhadores #46: Mina do Cauê, Itabira (MG). **Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho**, 2020. Disponível em: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-46-mina-do-caue-itabira-mg-cristiane-maria-magalhaes/>. Acesso em: 9 maio 2023.

MINAS GERAIS. **Decreto-Lei nº 1058, de 31 de dezembro de 1943**. Fixa a divisão administrativa e judiciária do Estado de Minas Gerais, que vigorará, sem alteração, de 1º de janeiro de 1944 a 31 de dezembro de 1948, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/DEL/1058/1943/>. Acesso em: 10 maio 2023.

NASCIMENTO, André Elias Duarte. **Mais que fotografias na rede social**: as transformações da paisagem urbana de Itabira - MG nas imagens compartilhadas no Facebook. 2018. 70 f. Monografia (Graduação em Jornalismo), Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

O que é o Quadrilátero Ferrífero. **UFOP**. 2023. Disponível em: <https://qfe2050.ufop.br/o-que-eh#:~:text=O%20Quadril%C3%A1tero%20Ferr%C3%ADfero%20%C3%A9%20a,ocupa%C3%A7%C3%A3o%20portuguesa%20no%20s%C3%A9culo%20XVIII>. Acesso em: 10 maio 2023.

SOUZA, Lucas Nasser Marques de. **Entre a vila e a mina**. 2019. 115 f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

TAVARES, T. R. Moradas da subjetividade: corpo, casa e cidade na poesia de Carlos Drummond de Andrade. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaios**, n. 34, p. 78-89, 2 jul. 2019. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/19669>. Acesso em: 16 maio 2023.

WISNIK, José Miguel. **Maquinação do mundo**: Drummond e a mineração. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

Artigo recebido em: 4/3/2024.

Aprovado em: 12/7/24